

## Gilberto Gil e Milton Nascimento

### “GIL&MILTON”

Um dia, **Gilberto Gil**, o Baiano, e **Milton Nascimento**, o Mineiro, viajaram de avião juntos. Esses dois ícones da MPB tinham material para alimentar um longo papo, sendo ambos um produto direto da história do Brasil e da diáspora negra nas Américas. E como nada acontece por acaso, eles decidiram continuar o papo um outro dia, só que com música, é claro. Isso aconteceu quatro anos mais tarde, num encontro onde os dois realizaram a fusão de duas concepções diferentes do barroco brasileiro. Os quinze títulos deste álbum a dois, dão equilíbrio ao movimento oscilatório entre a vastidão das Gerais, com seus santos mártires (tal como São Sebastião transpassado de flechas) e o vai-e-vem incessante das ondas na baía de Salvador. Brasil legal esse, que ainda curte a mistura de raças - índios, negros e brancos, quinhentos anos depois do descobrimento.

Nascidos em 1942, **Gilberto Gil** e **Milton Nascimento**, mudaram a fisionomia da música popular brasileira, que começou a ser chamada de **MPB** às vésperas da Revolução Militar de 1964. A jovem-guarda inventa, nessa época, uma porção de diversões adolescentes, integrando influências do rock inglês e americano. Em Salvador, a mais africana das cidades brasileiras, um grupo de músicos muito especial - **Caetano Veloso** e sua irmã **Maria Bethânia**, **Gal Costa**, **Gilberto Gil**, **Tom Zé** ... - transpõem para a música os preceitos do **Tropicalismo**, um movimento lançado pouco tempo antes no Rio de Janeiro pelos cineastas **Glauber Rocha** e **Carlos Diegues**, entre outros tantos reunidos no quadro-manifesto de Hélio Oiticica intitulado **Tropicália**, onde ele homenageia a singularidade brasileira.

Em 1967, **Caetano Veloso** protesta com "**Alegria, Alegria**", hino à explosão da alegria contestatória, **Maria Bethânia** impõe o estilo neo-regionalista com "**Carcará**", num tema emprestado por **Luiz Gonzaga**, e **Gilberto Gil** canta "**Procissão**" que fala de seca e favela, temas até então pouco abordados.

Tudo converge: rock, bossa nova, músicas nordestinas, músicas dos **Beatles** ou de **Dorival Caymmi**, o grande compositor baiano nascido em 1914. Os Tropicalistas usam



cabelos compridos e proclamam que "é proibido proibir". Eles fizeram suas as palavras contidas no Manifesto Antropofágico do poeta **Oswald de Andrade**, publicado em 1928 - "comer, ingurgitar, digerir tudo que passa, seja cultura negra ou cultura ocidental, para alimentar sua *brasilidade*". Os militares não gostam e enviam **Gilberto Gil** e **Caetano Veloso** em exílio para Londres em 1969.

**Gilberto Gil**, músico e cantor, nascido em Salvador e educado em Itauçu, pequena cidade do interior do estado, desempenhou um papel extremamente importante no surgimento da consciência negra no Brasil. Retornando de seu exílio em Londres, **Gil** começa a explorar suas raízes afro-brasileiras trabalhando principalmente com afoxés e com grupos carnavalescos que utilizam as percussões e os rituais yorubás. No carnaval de 1976, ele desfila com os **Filhos de Ghandi**, a quem ele dará um novo impulso e não mais os deixará. Em 1977, ele vai a Lagos (Nigéria) para o Festival das Artes Pan-africanas, onde encontra **Fela**, **Stevie Wonder** ... Salvador - Bahia, onde o ouro das igrejas católicas convive com os tambores do candomblé, é sensível às sínteses. O ritmo e a mística do *reggae* encontram ali um campo fértil, passando a ser então, sua influência maior, tendo **Gilberto Gil** como o seu grande responsável. Muito hábil e ligeiro, o compositor não deixa passar nada que se refira à circulação das músicas. Um de seus últimos trabalhos foi realizado por ocasião do filme *Eu, Tu, Eles*, de **Andrucha Waddington**, onde ele transpôs para uma linguagem "gilbertiana", músicas nordestinas tradicionais, em especial as do acordeonista de forró **Luiz Gonzaga**.

Enquanto os Tropicalistas usam seus cabelos longos como armas anti-conformistas, bem longe dali, no coração do Brasil, um jovem negro de aparência tímida, e não muito alto de estatura, tem permanentemente a cabeça coberta por um curioso boné achatado, e canta músicas sentimentais. Elas são misteriosamente envolventes, repassadas de sinais, símbolos e sentidos, tal como "**Travessia**", sucesso de 1967. **Milton Nascimento** canta fazendo longos desenvolvimentos melódicos em meios-tons, com uma voz entre cristalina e metálica, que atravessa as oitavas sem tremer. Em 1969 ele grava em Nova York, "**Coragem**" com **Herbie Hancock**, um estranho objeto voador de forma absolutamente incongruente. Em seguida, em 1974, é a vez de "**Native Dancer**" com **Wayne Shorter**, e enfim, outras múltiplas parcerias com, **Sarah Vaughan**, **Manhattan Transfer**, **Pat Metheny**... Cantor brasileiro, **Milton Nascimento** transcendeu todas as



dimensões.

Nascido em 1942 no Rio de Janeiro, filho adotivo de uma família branca que não admitia a discriminação racial, **Milton** cresce em Três Pontas, cidadezinha do interior de Minas Gerais. Em Belo Horizonte, capital do estado, onde funda um trio de jazz com o pianista **Wagner Tiso**, vai encontrar **Fernando Brandt** seu letrista, assim como **Lô Borges** e **Beto Guedes**. Terra do ouro, dos diamantes, das pedras preciosas e do barroco tardio do Aleijadinho, Minas Gerais é o berço do espírito republicano. Uma das características de **Milton Nascimento** é a de alternar incessantemente o racional e o sagrado. Assim, ele produz o disco **Clube de Esquina** em 1972, antes de retornar aos cálices, aos rituais negros e aos carros de boi de Minas Gerais em dois discos, "**Minas**" (1974) e **Gerais** (1978). Mais tarde, o universo de Milton se enriquecerá com as lutas dos Sem-Terra e as dos índios Yanomami e Caiapós (para o álbum **Txai**).

Enquanto **Gilberto Gil** se embrenhava pela África e Caribe, **Milton Nascimento**, alimentado com canções mexicanas durante sua infância, tentava estabelecer uma ligação entre o Brasil e a América Latina, numa atitude julgada "desviacionista" pela ditadura militar nacionalista e "americanista", que é claro, o censurava. Com a argentina **Mercedes Sosa**, ele canta "**Volver a los 17**" da chilena **Violeta Parra**. Em 1978, ele está ao lado de **Chico Buarque** e do cubano **Pablo Milanés**, procurando estabelecer as premissas de uma consciência sul-americana. Para lembrar suas próprias exigências de liberdade e abertura no mundo, **Gilberto Gil** e **Milton Nascimento** incluíram neste seu álbum "**Yo Vengo a Ofrecer Mi Corazón**", do argentino **Fito Paez** e "**Something**", do mais hippy dos **Beatles**, **George Harrison** (transformada em *reggae* para a ocasião).

Numa homenagem aos mais velhos, eles escolheram "**Maria**" do mineiro **Ary Barroso**, "**Dora**" do baiano **Dorival Caymmi** e "**Baião da Garoa**" do nordestino **Luiz Gonzaga**. Cada um escolheu para cantar uma canção que mais gostava de autoria do outro "**Bom Dia**" (**Gil**, **Nana Caymmi**, 1967) e "**Canção do Sal**" (**Nascimento**). Mas é com **Jorge Benjor**, o campeão do samba-funk brasileiro que fica a responsabilidade de estabelecer a ponte entre a Bahia e Minas, através de "**Xica da Silva**", a heroína negra de Diamantina em



Minas Gerais, cuja vida é contada no filme de mesmo nome de autoria de **Cacá Diegues**.

**Gil e Milton** oferece igualmente cinco novas composições de autoria dos dois músicos.

**Gilberto Gil** pediu a **Milton Nascimento** que voltasse a escrever suas próprias letras, tarefa que há muito tempo ele delegou aos seus letristas: "**Sebastian**" conta o sofrimento do mártir romano numa desfigurada cidade do

Rio de Janeiro. "**Doas Sanfonas**" é um hino à canção. **Gilberto Gil** saúda a memória de um amigo empresário, na Dinamarca "capitão do mar" ("**Dinamarca**"). Ironiza com um fundo de *rock* em "**Lar Hospitalar**". Quando um faz as letras, o outro escreve a música, cruzando os gêneros em "**Trovoadá**", composta a quatro mãos.

**Gilberto Gil e Milton Nascimento**, guerreiros de consciência universal, não se disputam jamais e dividem o pão entre eles. Eles restabelecem em quinze canções, o equilíbrio geo-estratégico do mundo, do sul aqui, ao norte lá longe; os contrastes do calor intenso daqui ao frio glacial de lá, do som do violão daqui, ao tapete de cordas de lá. "**Bom dia**" revisto a dois, permite a aliança milagrosa das igrejas com seus corais de crianças à amargura do mundo dos trabalhadores. "É hora de partir para a fábrica do dono do teu cansaço", canta **Gilberto Gil**, com voz de veludo, enquanto **Milton Nascimento** enfeita as palavras com ouro antigo, **Gil e Milton**, é a aliança da agilidade com a fé.

Existe a presença dessa doçura, desse balanço sensual muito especial que o Brasil soube exportar e imprimir no inconsciente musical do resto do mundo e "**Maria**" é o seu exemplo mais perfeito e acabado. Pleno em "**Lar Hospitalar**", **Gilberto Gil** mostra seu vigor alimentado pelas ritmias mais finas e pelas músicas afro-americanas. Mas o mistério cortante, a profusão intuitiva e a estranheza do "som" de **Milton Nascimento**, não se apagaram. Não se encontrarão sequer vestígios de pretensão neste **Gil e Milton** onde o "natural" é uma de suas qualidades, apesar de que nele, a sofisticação tampouco esteja excluída. O inacreditável nesta aventura, é que ela termina (com "**Baião da Garoa**") como começou: com a música dos terreiros, nos campos que alimentam, onde nossos dois músicos, que jamais fazem economia na poesia e nos belos textos, puderam manter primeiro sozinhos e agora juntos, os pés na terra e a cabeça nas estrelas, tendo a sanfona e o triângulo como som de apoio.

**Véronique Mortaigne**

**Crítica de Música do Le Monde**